

jornal da tar

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coetane Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX)



Fundado em 1873

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCIS
(1927 - 1969)

O resto é história, em se tratando de históricos.

Desde o final da semana que passou o Brasil tem um novo partido político: o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), nascido basicamente, por um processo de cissiparidade, do corpo do PMDB. A nova agremiação partidária está sendo saudada em alguns meios intelectuais e políticos, principalmente por seus próprios fundadores, como um acontecimento extraordinário na vida pública nacional, que ajudará a dar rumos diferentes ao debate sobre os grandes problemas nacionais e, quiçá, no futuro, encaminhará novas soluções políticas e administrativas para os problemas que atormentam o povo brasileiro. Ao se despedir de seu antigo partido, o senador Fernando Henrique Cardoso, um dos mentores da nova legenda, justificou a formação do PSDB dizendo que "tanto as aspirações populares quanto o próprio clima de liberdade hoje existente no País (para cuja construção o PMDB foi indispensável) requerem partidos com maior nitidez e propósitos".

Em tese, concordamos, inteiramente, com o diagnóstico do já agora ex-peemedebista de São Paulo. De fato, não há como construir uma democracia representativa duradoura com o tipo de partidos que predominam em nosso cenário político, os quais, excetuados os de ideologia totalitária, são meras máquinas de arrecadação de votos, legendas usadas apenas para a conquista e fruição do poder. Os partidos brasileiros atuais — com as exceções mencionadas — não passam de instrumentos de que se servem os políticos para a promoção dos seus interesses pessoais. Não cumprem a principal função dos verdadeiros partidos, que é a de servir de canal para as reivindicações da sociedade e para facilitar a conquista de suas aspirações.

O eleitor dá o voto a um candidato para que ele cumpra tal ou qual programa, conduza o governo nesta ou naquela direção e acaba sendo surpreendido com um comportamento completamente diferente do prometido porque o poder, para a esmagadora maioria dos políticos brasileiros, é um fim em si e não um meio de promover o bem comum. Em outras palavras: o eleitor é simplesmente — e continuamente — traído.

A mais recente traição estamos presenciando agora, na Assembléia Nacional Constituinte, escolhida majoritariamente por um eleitorado liberal, de centro, preocupado com a modernização do País, mas que está produzindo uma Constituição retrógrada, antiliberal, que levará o Brasil à estagnação e ao retrocesso. Essa traição que o deputado comunista Roberto Freire definiu, com uma sinceridade cínica, como a "reconquista no plenário da Constituinte daquilo que perdemos nas urnas".

A verdade é que o problema dos partidos brasileiros não é o continente, mas o conteúdo, ou seja, a matéria-prima que os constitui — os políticos — que, tendo a mesma substância ético-cultural, não podem dar produtos diferenciados quando se aglutinam sob uma legenda. É que os nossos partidos são sempre uma mistura e não uma combinação.

Por isso não acreditamos que o PSDB (ou qualquer outra legenda que venha a ser criada para congregar um grupo de políticos dessa mesma substância) possa vir a ser esse algo novo que seus criadores apregoam.

Quando o senador Fernando Henrique diz em seu discurso que "o PMDB não foi capaz de refazer seus objetivos", que, "por motivos que não cabe discutir hoje, nesse processo lento de democratização o Moloch estatal tragou o partido", que "os interesses administrativos, as conexões econômicas e os interesses eleitorais minaram o PMDB, tornando-o cada vez mais o grande cartório cujo carimbo é condição indispensável para o exercício do poder", nosso primeiro impulso é o de aplaudi-lo com entusiasmo, porque temos a sensação de que está lendo um dos nossos editoriais.

Só observaríamos que em vez de "exercício do poder" — que é uma coisa que o PMDB provou que não sabe fazer — ele deveria ter dito "gozo do poder". Quando, em seguida, diz que "hoje... o PMDB está-se transformando num grande partido republicano, da República Velha, com uma cara diferente em cada Estado, conforme o rosto de seus governadores", ou quando diz que São Paulo "em má hora foi entregue a um comando medíocre", nosso entusiasmo cresce.

Mas no momento seguinte lembramos que o senador Fernando Henrique e seus companheiros só perceberam isso agora, quando nós e a maioria dos brasileiros e brasileiras, tínhamos percebido a degradação do PMDB há muito tempo, desde que ele se engalfinhou numa luta de vida e de morte com o PFL pelos cargos da "Nova" República. Certo, aliás, esperávamos que acontecesse, porque conhecemos tão bem quanto o culto senador de São Paulo os costumes políticos deste País (ou os costumes dos políticos).

Lembramos que o País viveu — e ainda sofre por isso — a farsa do Plano Cruzado, com a qual se locupletaram todos os políticos do PMDB — os que ficam e os que saem — e já se está preparando para sofrer as conseqüências do golpe armado na Constituinte pelo senador Mário Covas. (Aquele definido pelo deputado comunista Roberto Freire.)

Lembramos que muito antes das eleições de novembro de 1986 os paulistas razoavelmente informados (e os brasileiros) estavam fartos de conhecer a mediocridade e outras "qualidades" do homem que se lançava na conquista da Província porque detinha o comando da máquina peemedebista, e lembramos que os senhores Fernando Henrique, Mário Covas e Franco Montoro, que estão entre os paulistas razoavelmente informados, por questões de estratégia eleitoral, preferiram avallar sua candidatura em lugar de salvar São Paulo de um comando muito pior do que medíocre — quando lembramos de tudo isso, em vez da vontade de aplaudir surge a necessidade de perguntar: por que só agora o senador Fernando Henrique resolve botar a boca no trombone?

Perguntamos e respondem: por pura "necessidade" eleitoral, novamente. E como sempre.

O discurso do senador paulista, o manifesto de lançamento do partido e o programa que virá por aí, são apenas exercícios literários e de retórica destinados a dourar a pílula (amarga). Na realidade o que aconteceu foi uma grande briga pelo poder no PMDB, pelo domínio da mais poderosa máquina eleitoral do País e os perdedores saíram para procurar criar um novo instrumento de arrecadar votos, enquanto os vencedores ficavam com as batatas, como seria o Quincas Borba.

Não haveria essa revolta se houvesse batatas para todos no saco peemedebista. Não haveria, se o mandato do presidente Sarney tivesse sido reduzido para quatro anos. Montoro, Covas, Fernando Henrique certamente permaneceriam no PMDB se o partido em São Paulo não estivesse totalmente subjugado pelo sr. Quéricia. O sr. Richa não procuraria outro pouso se o governador Álvaro Dias não houvesse cortado todos os seus espaços, na sua base estadual. Os mineiros, outro bloco forte do PSDB, teriam outro comportamento se o trator Newton Cardoso não existisse. O grande problema que está na origem do novo partido é que há candidatos demais, estrelas demais, e apenas uma vaga para cada partido disputar a Presidência da República. Só isso. O resto é história, em se tratando de históricos.

O que se pariu em Brasília neste final de semana não foi ainda um partido político, mas um outro cartório eleitoral. Com areis de mudança, com pretensões de autenticidade, mas no fundo igualzinho aos que já estão aí. Como diria Nelson Rodrigues, bonitinho, mas ordinário.